

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
JORNALISMO**

**O GONZO NA NARRATIVA JORNALÍSTICA: O
CRIADOR E SUA CRIATURA**

MONOGRAFIA

Leticia Malinoski

Santa Maria, RS, Brasil

2015

O GONZO NA NARRATIVA JORNALÍSTICA: O CRIADOR E SUA CRIATURA

Leticia Malinoski

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) como requisito parcial para a obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Rondon Martim Souza de Castro

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Comunicação Social
Jornalismo**

**A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Graduação**

**O GONZO NA NARRATIVA JORNALÍSTICA: O CRIADOR E SUA
CRIATURA**

elaborada por
Leticia Malinoski

como requisito parcial para obtenção do grau de
Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Rondon Martim Souza de Castro, Dr.
(Presidente/Orientador)

Márcia Franz Amaral, Dr.^a (UFSM)

Laura Strelow Storch, Dr.^a (UFSM)

Santa Maria, 14 de dezembro de 2015

AGRADECIMENTOS

Primeiro, agradeço aos meus pais, Mirian e Sérgio, por me apoiarem durante o projeto e toda a graduação, ouvirem e darem força nos momentos mais complicados e comemorem comigo as vitórias diárias.

Ao meu orientador, Professor Rondon de Castro, por me escutar e acompanhar nesta jornada pelo Gonzo, além de me aconselhar da melhor maneira durante a pesquisa.

Agradeço também aos meus dois instrumentos tecnológicos, meu antigo notebook e o novo, por criarem o trabalho na parceria. O antigo começou o projeto junto comigo, porém por circunstâncias fora do meu alcance, precisou ser substituído por um novo. O recém-chegado assumiu o cargo de maneira deslumbrante e me ajudou a concluir a caminhada.

À minha família, que cada vez que me via me perguntava como andava o trabalho e dava aquela forcinha básica para continuar.

Por último, porém com certeza não menos importante, agradeço ao Universo por permanecer comigo, me guiar e abençoar todos os dias. Muito obrigada. De coração.

RESUMO

Monografia de Graduação
Curso de Comunicação Social – Jornalismo
Universidade Federal de Santa Maria

O GONZO NA NARRATIVA JORNALÍSTICA: O CRIADOR E SUA CRIATURA

AUTOR: LETICIA MALINOSKI

ORIENTADOR: RONDON MARTIM SOUZA DE CASTRO

Data e local de defesa: Santa Maria, 14 de dezembro de 2015

No decorrer do trabalho, apresenta-se o jornalismo Gonzo e a análise sobre sua classificação como gênero narrativo, além da influência sofrida pelo personagem/escritor no seu ambiente de vida. Através da análise crítica, discutem-se as características do Gonzo presentes nos textos do seu dito criador, Hunter Thompson e a presença destas em textos anteriores ao período do próprio, escritos por outros autores. Pretende-se, assim, comparar as semelhanças e ressaltar as razões que levaram os autores apontados a utilizar esta prática para contar a história. A análise parte do viés de criador e criatura se unirem e inverterem papéis dentro da narrativa.

Palavras-chave: Gonzo. Hunter Thompson. Narrativa. Jornalismo. Análise crítica.

ABSTRACT

The Undergraduate Monograph
Social Communication - Journalism Course
Federal University of Santa Maria

GONZO ON JOURNALISTIC NARRATIVE: THE CREATOR AND HIS CREATURE

AUTHOR: LETICIA MALINOSKI

ADVISOR: RONDON MARTIM SOUZA DE CASTRO

Date and place of defense: Santa Maria, December 14th 2015

During the work, we present Gonzo journalism and the analysis of its classification as a narrative genre, beyond the influence suffered by the character/writer in their living environment. Through critical analysis, we discuss Gonzo's features in the texts of its considered creator, Hunter Thompson and the presence of these in earlier texts of his period, written by other authors. We intend to compare the similarities and emphasize the reasons the authors aimed to use this practice to tell the story. Our analysis comes from the bias of creator and creature and how they come together and play reverse roles within the narrative.

Keywords: Gonzo. Hunter Thompson. Narrative. Journalism. Critical analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 O PERÍODO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA FRIA	12
1.1 A Indústria Cultural	15
1.2 Movimentação Contracultural	16
1.3 Os <i>Hippies</i>	19
2 O GONZO - CRIADOR E CRIATURA	21
2.1 Os aspectos	27
3 A ANÁLISE	31
3.1 Malinowski e a observação participante	33
3.2 Jack London e suas viagens	38
3.3 O Gonzo anterior ao Gonzo	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
ANEXOS	51

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, abordaremos o chamado Jornalismo Gonzo, termo cunhado pelo jornalista Hunter S. Thompson, que apareceu no período contracultural que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Partiremos do estudo de uma análise crítica, com o objetivo de mostrar, por meio de análise de livros não necessariamente pensados como Gonzo, que essa maneira de narrar não se configura como gênero literário ou jornalístico, mas compreende-se como uma forma de escrever que surge a partir da vontade do narrador e do ambiente no qual ele está inserido. Abordaremos esta questão a partir de uma analogia baseada na história de Frankenstein, pelo viés do médico e o monstro, criador e criatura. Inverteremos os papéis ao analisar o autor do texto no papel da criatura, que nasce como consequência do ambiente e da necessidade de manifestação e o Gonzo como a personificação do criador.

Também analisaremos a questão da presença da prática Gonzo em períodos anteriores ao seu surgimento com Hunter Thompson. Para isso, usaremos clássicos considerados Gonzo de um lado e, do outro, apresentaremos textos de outros períodos que possuem uma mesma forma de abordagem, para fazer uma junção de perspectivas e ver as relações entre as diferentes narrativas.

As décadas de 1950 e 1960 foram um período marcado por relevantes transformações culturais, tanto no modo de pensar e agir como no modelo de comportamento da juventude. A Segunda Guerra Mundial trouxe grande desenvolvimento e industrialização para os Estados Unidos, transformando-o em uma nova potência mundial, com amplo espaço físico para exploração comercial em uma Europa destruída, após o fim da guerra.

O período posterior à guerra foi caracterizado pelo capitalismo, abundância no consumo de bens e uma tranquilidade resultante da vitória do país americano no conflito. O consumismo em demasia e a alienação da população resultaram em um questionamento perante a sociedade através de movimentos e manifestos contraculturais, representados na arte, na literatura, na música, no cinema e no comportamento, mostrados através do sentimento de furor revolucionário dos jovens norte-americanos.

A contracultura se manifestou através do advento da Geração *Beatnick*, que começou no final dos anos 50 e foi marcada pela contestação do consumismo pós-guerra americano e da falta de senso crítico da sociedade. O termo *Beat* tinha uma relação musical, significando “na batida”. O movimento *Beatnick* foi caracterizado por um grupo de poetas e escritores norte-americanos que, através dos seus textos, mostraram um lado da vida à margem da sociedade vigente. Os escritores deste movimento levavam uma vida nômade e tinham um posicionamento de liberdade criativa na narrativa e métodos anárquicos na captação, tratando sobre temas controversos, como sexo, drogas e liberdade. Nos apropriamos da Geração *Beat* para o trabalho, pois este é considerado um dos primeiros movimentos de contracultura na Era Moderna e também o pontapé inicial para o aparecimento dos *Hippies*, na década de 70. Ambos movimentos têm forte influência na vida de Thompson e nos seus textos Gonzo.

Para situar a manifestação do Gonzo no jornalismo é preciso, primeiramente, compreender as mudanças que o jornalismo sofreu neste período. O “Novo Jornalismo”, ou jornalismo literário, apareceu utilizando o uso de elementos literários no fazer jornalístico e uma maior liberdade de temas para abordar como, por exemplo, perfis e biografias. Com Tom Wolfe e Gay Talese como teóricos, o Novo Jornalismo abriu as portas para a discussão sobre limites e divergências entre jornalismo e literatura, sobre o papel do jornalista diferenciado do escritor e o jornalismo tradicional *versus* fatores ficcionais no texto.

O jornalista Hunter Thompson, repórter *freelancer* da Califórnia, aparece na imprensa norte-americana com seus textos nada convencionais e reportagens que atravessam os modelos de jornalismo normatizado. O repórter torna-se protagonista, utilizando sarcasmo e irreverência ao narrar a influência do uso de drogas com um toque de ficção. Assim, Thompson finca as bases para o termo jornalismo Gonzo, uma síntese textual da rebeldia marcante da época. O primeiro livro de Thompson, *Hell's Angels – A Strange and Terrible Saga of the Outlaw Motorcycle Gangs*, foi lançado em 1966, antes do termo Gonzo surgir. A reportagem conta a experiência de Thompson ao viver 18 meses fazendo parte de uma gangue de motoqueiros selvagens e intensos, os *Hell's Angels*.

Foi em 1971 que Thompson lança o livro que viraria ícone do jornalismo Gonzo, *Fear and Loathing in Las Vegas: A Savage Journey to the Heart of the American Dream*. O livro conta a jornada de Thompson, sob o alter-ego de Raoul Duke, e seu advogado Dr. Gonzo. Inicialmente com o objetivo de cobrir a corrida de motos *Mint 400* para a revista *Sports Illustrated*, a narrativa transforma-se em uma aventura alucinada, com uso de drogas constante, na qual a viagem torna-se o foco principal do livro, mostrando a busca insana por uma ideia diferenciada do *American Dream*, na cidade de Las Vegas, uma das mais animadas do país.

Considerando as características textuais concebidas como Gonzo, tais como “a subjetividade, o sarcasmo, presença constante do autor na história, não como mero espectador, mas na maioria das vezes como protagonista, uso criativo da palavra, entre outras” (ALMEIDA, 2011, p. 22); e, na contraparte, a forma selvagem de construção de narrativa e partindo do ponto de vista que a prática Gonzo surgiu de um modo desprezioso pelo próprio Thompson; o trabalho aqui apresentado tem como proposta mostrar a inconstância do termo Gonzo dentro do campo narrativo, tendo como base a ideia de um autor/criatura e escritor/personagem do seu tempo, partindo da premissa de que seus textos são acontecimentos ocasionais, não configurando-se em uma prática jornalística ou gênero narrativo e sim em uma atitude perante o contar de uma história; ou seja, o Gonzo “por suas próprias características, não é uma fórmula que possa ser aplicada a um texto. É muito mais uma atitude diante [...] do mundo” (DANTON apud MARTELLI, 2006, p. 21).

Nosso trabalho começa mostrando os acontecimentos marcantes do período em que o Gonzo apareceu. No primeiro capítulo, apresentamos as décadas de 1950 e 1960, dividindo-as por partes. Primeiramente, é abordado o período Pós Segunda Guerra Mundial e Guerra Fria, para mencionar os reflexos que a vitória do grupo dos Aliados causou na sociedade americana e as consequências financeiras, sociais e políticas deste acontecimento. Apresentamos, então, o conceito de Indústria Cultural, para explicitar o comércio e a demanda, além de mostrar o que era compreendido por cultura vigente no período referido. Partimos, então, para as Movimentações Contraculturais. Ao entrar neste território, abrimos o leque dos manifestos culturais das décadas abordadas. Nesta parte, conceituamos, através de teóricos, o sentido do termo contracultura e mostraremos uma visão mais ampliada da Geração *Beatnick*. Na última parte do capítulo, apresentamos o movimento

Hippie, suas principais características, relacionando-as ao Thompson e os acontecimentos marcantes causados pelo grupo.

No segundo capítulo, apresentamos o personagem principal do nosso trabalho, o Gonzo. O criador e a criatura se misturam neste capítulo, em que contamos a história de vida de Hunter Thompson, desde a infância rebelde, com casos de vandalismo, passando pela juventude complicada e a presença do álcool na sua vida, até chegar aos dias de autor. O Gonzo entra em cena. Relatamos o aparecimento deste modelo de escrita nos textos feitos por Thompson e as principais obras relacionadas. Os aspectos considerados determinantes para classificar um texto Gonzo serão mostrados na última parte do segundo capítulo. Recorremos a teóricos e pesquisadores para ilustrar e conseguir uma ideia do que seria considerado Gonzo.

O terceiro capítulo mostra a análise realizada para o trabalho, referente a presença do Gonzo fora do âmbito do Thompson. Na primeira parte, abordamos o antropólogo Bronislaw Malinowski e sua metodologia da observação participante:

[...] uma das técnicas muito utilizadas pelos pesquisadores que [...] consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele, interagindo por longos períodos com os sujeitos, buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. (QUEIROZ et al., 2007, p. 278).

Malinowski foi pioneiro nesta forma de investigação ao criá-la e usá-la como método para compor seu estudo com os nativos das ilhas Tobriand, na Austrália, que resultou no livro “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. O antropólogo polonês conviveu com os nativos durante períodos divididos por três anos, participando da vida na aldeia, descobrindo sobre a cultura e os costumes do povo e até aprendendo a língua nativa.

A segunda parte do terceiro capítulo se refere ao escritor americano Jack London e os livros decorrentes de suas viagens. London escrevia em primeira pessoa e usava um alter-ego para compor suas narrativas baseadas em suas próprias aventuras. Ele foi um dos primeiros romancistas a alcançar notoriedade apenas com suas histórias. Ambos autores são analisados no nosso trabalho para

ajudar a compor um conceito da presença do Gonzo antes mesmo do seu aparecimento. Por último, apresentamos outros autores e seus textos para auxiliar na pesquisa e ilustrar as diversas facetas da manifestação do Gonzo.

O módulo analítico tem por objetivo relacionar as obras selecionadas e utilizar a análise crítica para desconstruir o conceito de jornalismo Gonzo, para observá-lo a partir de um prisma fora da ordem, pensando o Gonzo como um modo de manifesto que parte do instinto do narrador, o criando como artista.

Por fim, chegaremos às considerações finais e apresentaremos alguns anexos com ilustrações criadas pelo artista britânico Ralph Steadman, em parceria com Hunter Thompson, referentes ao Gonzo.

1 O PERÍODO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A GUERRA FRIA

O acontecimento da Segunda Guerra Mundial e o seu término oficial em setembro de 1945 alterou a composição do mundo. A vitória do grupo dos países Aliados, composto pela União Soviética, os Estados Unidos e o Reino Unido, gerou um crescimento econômico, político e populacional para as potências vencedoras, principalmente nos Estados Unidos e na União Soviética. Os anos 50, período conhecido como os anos do “pós-guerra”, apresentam também um avanço tecnológico e científico para a sociedade.

Havia um conforto gerado a partir do fim da Grande Guerra. Os Estados Unidos viviam um período de estabilidade e volta à normalidade, antes abalada pelo confronto. Focaremos, nesta parte do trabalho, nas características vigentes deste período pós-guerra estadunidense e o seu desenrolar entre as décadas de 50 e 60.

Muitas mudanças ocorreram no viver da sociedade americana neste período. O país usufruía de uma era de ouro, com o padrão de vida mais alto do mundo. Uma onda de esperança se instaurou, acarretando em um resgate de ideais já aparecidos anteriormente.

Na época do pós-guerra, aconteceu a prosperidade e uma ampliação do conceito do *American Dream*, primeiramente conceituado no ano de 1931, que declara que todo cidadão americano “tem a chance de ser bem-sucedido, rico e feliz se trabalhar duro” (JULIÃO; MAGALHÃES, 2006, p. 29).

Desta forma, baseado neste antigo conceito e influenciado pelo crescimento do capitalismo na época, é apresentado o *American way of life*, forma de vida da sociedade estadunidense que abrange o conceito de dedicação e esforço para ser bem-sucedido, juntamente com a aquisição de bens materiais para se realizar plenamente. A nova propaganda do *American Dream* ajudou no aumento de empregos que surgiu nesta época. O conceito causava pressão nas pessoas para se tornarem bem-sucedidas e trabalharem cada vez mais, pois este seria o ideal de felicidade.

O capitalismo se fez presente nesta mesma onda. O avanço tecnológico gerado no pós-guerra introduziu novos produtos para consumo como, por exemplo, os automóveis, eletrodomésticos e cosméticos, o que auxiliou na propagação do ponto de vista capitalista e em uma propaganda pró-consumo. O *American way of life* também foi usado como publicidade para divulgar o padrão de vida alto que a população dos Estados Unidos vivenciava no momento.

Também houve um grande crescimento populacional no período, que ficou conhecido como “geração *babyboomer*”. A expressão *baby boom* se refere ao aumento de nascimentos na sociedade americana pós-guerra. No ano seguinte ao término da Segunda Guerra Mundial, houve uma explosão demográfica nos Estados Unidos, que resultou no nascimento de 32 milhões de bebês. O ápice deste fenômeno ocorreu entre as décadas de 40 e 60 e foi dividido em dois grupos distintos: os Primeiros Boomers, que nasceram entre 1946 e 1954; e os Boomers Posteriores ou Geração Jones, nascidos entre 1955 e 1964. Anos mais tarde, os Primeiros Boomers, nascidos e criados no período de abundância do pós-guerra, se tornariam parte dos movimentos contrários à sociedade consumidora, como os *hippies*, mostrados mais adiante neste trabalho.

Com a nova urgência da modernidade em consumir para ser bem-sucedido e ter uma vida feliz, o aumento demográfico populacional, que ajudou na difusão do capitalismo e na busca pelo conforto, os Estados Unidos passam a ocupar o posto de primeira potência mundial, seguidos pela União Soviética. A última adotara um modelo socialista de governo, baseado em um partido único, o Partido Comunista, e sua economia era planificada. Já os Estados Unidos se inseriam em um capitalismo cada vez mais crescente, com base em uma forma de economia de mercado, na propriedade privada. As divergências políticas e sociais entre os dois países acarretaram a chamada Guerra Fria, chamada assim por ser um conflito ideológico e diplomático que não provocou um combate militar direto entre as potências. A Guerra Fria começou logo após o término da Segunda Guerra Mundial e durou até o ano de 1989. Durante este tempo, ambos países tentaram disseminar os seus sistemas políticos e econômicos em outros países. A disputa dividiu o mundo em blocos a partir da influência das duas superpotências.

Primeiramente, o confronto de ideologias resultou em uma corrida armamentista, com cada país querendo mostrar maior produção de tecnologias bélicas que o outro, já que tanto os Estados Unidos quanto a União Soviética passaram a fabricar material bélico e nuclear capaz de destruir todo o planeta. Apesar de todo o armamento produzido, nunca houve um combate direto. Por esta razão, surgiu a expressão “Paz armada” para descrever o período. Porém, eles apoiavam guerras e conflitos de outros lugares, de lados opostos, para mostrarem sua força, como aconteceu na Guerra do Vietnã.

Ainda na disputa de poder e contando com o progresso tecnológico, iniciou-se a corrida espacial. A União Soviética lançou o foguete *Sputnik* para o espaço, no ano de 1957. Doze anos depois, em 1969, Neil Armstrong chegaria a lua em sua missão espacial, resultado de anos de trabalho duro da potência americana.

O marco deste período da Guerra Fria foi a construção do Muro de Berlim, no ano de 1961, separando a Alemanha ocidental, que tinha apoio dos Estados Unidos para se reerguer após o término da Segunda Guerra Mundial e estava sendo apresentada a um modo capitalista de vida, da Alemanha oriental, que não tinha a mesma evolução a partir de um modelo socialista. A construção do muro se deu pelo fato de que as pessoas do lado oriental preferiram viver do lado ocidental, já que esta possuía mais riquezas e progresso. O lado oriental, incomodado com a fuga dos cidadãos da parte, decidiu aumentar o muro para isolar o lado ocidental do restante da Alemanha.

Todos os momentos da Guerra Fria, como a corrida espacial, a disputa dos países em outros conflitos e a construção do Muro de Berlin, foram acompanhados pelo mundo através da televisão, meio de comunicação que estava em ascensão naquela época. Junto com a ideia do capitalismo, os cidadãos passaram a consumir mais os produtos eletrônicos disponíveis e ficou mais notória a disseminação dos meios de comunicação de massa, como a televisão, rádio, jornal impresso, revista e cinema. A partir disto, gerou-se uma cultura de massa, também chamada de cultura popular.

1.1 A Indústria Cultural

Apresentamos o conceito de Indústria Cultural para este trabalho para ilustrar e mapear o período do surgimento da cultura de massa, da demanda comercial e como a sociedade consumia artisticamente no período. Este conceito também é utilizado para poder mostrar os motivos das movimentações contraculturais que surgiram a partir deste processo. A relação da Indústria Cultural com o Gonzo se dá no fato que

[...] o gonzo também está ligado à tradução, em formato de narrativa textual, de um momento histórico particularmente diferenciado, onde alterações socioculturais profundas evidenciavam o descompor de velhos paradigmas ligados a valores como família, trabalho, coletividade, entre vários outros, muitos tidos como invariáveis. Aquele texto, que questionou as regras e os modos de fazer vigentes até o momento de sua concepção, também tencionou padrões estabelecidos, fazendo pensar para além do que era apresentado pelos órgãos de imprensa tradicionais. (DAMASCENO, 2012, p. 12-13)

O termo Indústria Cultural foi primeiramente conceituado pelos filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, no ensaio *Dialética do Esclarecimento*, no capítulo *O iluminismo como mistificação das massas*, escrito em 1942, porém publicado apenas no ano de 1947. O conceito da Indústria Cultural lida com a análise da produção de arte em uma sociedade capitalista industrial, ou seja, através dos padrões adotados e comercializados culturalmente que visam como objetivo o lucro financeiro.

Com a emergência do pós-guerra, o avanço tecnológico possibilitou formas de expressões artísticas massificadas e métodos de produção em larga escala na sociedade capitalista americana. Como caracteriza o autor Teixeira Coelho, no livro *O que é Indústria Cultural*, “esse é o quadro caracterizador da indústria cultural: revolução industrial, capitalismo liberal, economia de mercado, sociedade de consumo” (COELHO, 1993, p. 7).

A Indústria Cultural mostra um novo modo de fazer cultura, dentro de parâmetros estabelecidos por uma maioria dominante. A produção artística, então,

passa a ser padronizada para maior obtenção de lucro e, conseqüentemente, limitando a criação artística e o surgimento de algo novo.

Partindo deste pressuposto, a comunicação na Indústria Cultural é unilateral, gerando um círculo vicioso ao produzir essa cultura para as massas. A Indústria Cultural proporciona ao cidadão a possibilidade de suprir as necessidades determinadas pelo sistema vigente; porém, ao realizar aquele desejo, já cria a carência de algum outro produto, através de propagandas e manipulação. Com isso, o cidadão torna-se um consumidor que vive insatisfeito, sempre em busca de consumir mais. Isto resulta em um campo de consumo maior e mais dominante. Como argumenta Coelho, “nesse quadro, também a cultura — feita em série, industrialmente, para o grande número — passa a ser vista não como instrumento de livre expressão, crítica e conhecimento, mas como produto trocável por dinheiro e que deve ser consumido como se consome qualquer outra coisa.” (COELHO, 1993, p. 6).

Na perspectiva do pós-guerra, com a difusão cada vez mais abrangente dos meios de comunicação e uma comodidade na vida cotidiana, o público não questiona o padrão imposto e consome o que lhe é apresentado como cultura.

No cenário que esta doutrina cultural apresenta, apesar de consumida por uma parcela grande da sociedade, este causou descontentamento em grupos que tinham interesse em uma maior liberdade de expressão e criação. A década de 60 chega, com os novos ares da primeira geração *baby boom* em parte crescida, que viveu no auge do desenvolvimento financeiro do país americano, pronta para se distanciar dos passos dos seus pais acomodados e consumistas. Os jornais e revistas passam a se tornar um meio de divulgação para novas ideias e novos modelos de conduta de uma geração que sonhava com uma mudança. Os movimentos contraculturais despertam uma nova aura no mercado.

1.2 Movimentação Contracultural

Primeiramente, precisamos definir o que significa contracultura para podermos explorar o conceito nos movimentos do período referido neste trabalho.

Por contracultura, entendemos uma forma de manifestação distinta da considerada vigente de uma sociedade. Para Sávio Augusto Lopes, autor do artigo *O jornalismo gonzo e a visão alternativa do sonho americano*,

o princípio básico da contracultura é contrapor às tradições existentes legitimadas pelas principais instituições da sociedade capitalista, em outras palavras, o *status quo*. É visto pelo tradicionalismo como uma fuga do bom senso e dos costumes tradicionais (LOPES, 2013, p. 30).

A contracultura, então, aparece como um distanciamento do que está sendo comercializado culturalmente no período. Mais do que uma fase rebelde, a contracultura dos anos 60 nos Estados Unidos surgiu de uma vontade de mudar o mundo e as atitudes que ali apareceram influenciaram as próximas gerações. Para Sílvio Ricardo Demétrio, “a contracultura foi uma síntese disjuntiva cravada no coração tecnocrático do mundo pós-guerra.” (DEMÉTRIO, 2007, p. 70).

A década de 1960 começa já com as luzes de uma manifestação jovem do final dos anos 50: os *Beatnicks* ou Geração *Beatnick*, grupo de escritores e poetas que buscavam contar livremente suas histórias e falar sobre sua visão de mundo de um modo mais aberto, movidos por drogas, álcool, sexo livre e jazz. Antes reclusos em bares, os *beatnicks* passam a ganhar mais visibilidade e sair às ruas, influenciando no comportamento jovem da sociedade americana, trazendo à tona a contracultura e o descontentamento com a forma de governo. Os integrantes deste grupo

Foram criados durante a guerra e a depressão, o que não gerou desilusão, mas uma curiosidade quanto às formas alternativas de vida – uma vez que percebiam o declínio da sociedade norte-americana da época. Antes da coletividade, buscavam a própria evolução, tinham sede de conhecimento mundano e espiritual e não tinham pudor quanto ao método para encontrar algo maior (GARCIA; ORSATTO, 2013, p. 5).

Os adeptos deste movimento levavam uma vida nômade, de cidade em cidade, sempre viajando, resultando em inspirações para as suas narrativas. Jack Kerouac, um dos principais *beatnicks*, firmou seu lugar ao lançar o livro *On the*

Road, baseado em suas viagens pelo país junto com amigos. Contendo passagens reais dos lugares em que o autor passou, o livro narra em primeira pessoa a ilusão e desilusão de ser um jovem americano buscando aventura em um mundo tão confortável.

A vontade de mudança é uma prerrogativa do movimento *beatnick* e também uma das maiores características de um movimento contracultural, com mudanças no campo das liberdades individuais e dos direitos civis. O psicólogo Timothy Leary, uma das figuras mais importantes da contracultura deste período, comenta que

A contracultura floresce sempre e onde quer que alguns membros de uma sociedade escolham estilos de vida, expressões artísticas e formas de pensamento e comportamento que sinceramente incorporam o antigo axioma segundo o qual a única verdadeira constante é a própria mudança. A marca da contracultura não é uma forma ou estrutura particular, mas a fluidez de formas e estruturas, a perturbadora velocidade e flexibilidade com que surge, sofre mutação, se transforma em outra e desaparece. A contracultura é a crista movente de uma onda, uma região de incerteza em que a cultura se torna quântica (LEARY apud FARIA, 2008, p. 33).

A partir deste conhecimento, entendemos que a contracultura atinge vários âmbitos da vida de uma sociedade, mudando as tradições consideradas verdadeiras e oferece um novo ponto de vista, talvez até uma nova tradição. Para Dan Joy (2007), a contracultura pode desenvolver um papel de criadora de tradição histórica.

A contracultura é “ruptura” por definição, mas também é uma espécie de tradição. Tradição em romper com a tradição, ou de atravessar tradições do presente de modo a abrir uma janela para aquela dimensão mais profunda da possibilidade humana que é a fonte perene do verdadeiramente novo – e verdadeiramente grandioso – na expressão e no esforço humano. Dessa forma, a contracultura pode ser uma tradição que ataca e dá início a quase todas as outras tradições (JOY apud FARIA, 2008, p. 34).

Assim sendo, a contracultura da década de 60, partindo da ideia de quebrar uma tradição e iniciar outra, dividiu-se em duas vertentes. De um lado, o grupo dos *hippies*, caracterizado por uma linha de fuga da sociedade comum, com ideias baseadas no amor e sexo livres, o uso de drogas e o anseio pela liberdade com uma mochila nas costas. Do outro, um jeito mais militante e agressivo de batalhar pela

liberdade. Ambas diretrizes, apesar de distintas, se caracterizaram por serem ativas e tornarem suas lutas expressivas.

Para este trabalho, lidaremos principalmente com o ideal dos *hippies*, grandes inspirações para gerações posteriores, eles próprios tendo como inspiração a Geração *Beatnick*.

1.3 Os *Hippies*

O movimento cultural *Hippie* tem como proposta um ponto de vista amplo perante à vida. Além dos adeptos do movimento fazerem questionamentos sociais e políticos, o grupo buscava uma indagação existencial mais abrangente para estar em comunhão com o mundo em um todo, a natureza e a própria vida. Os *hippies* tinham um caráter pacifista, ao negarem guerras e confrontos, apenas focando na parte mística da vivência, “[...] defendiam o amor livre e a não-violência, sob o lema “Paz e Amor”, protestavam a favor de direitos civis e políticos, igualdade social e contra valores tradicionais, geralmente relacionados à economia e ao poderio militar (SILVA apud MARTINS, p. 8, 2013)”.

O cerne da filosofia *hippie* concentra-se no amar o outro e dar liberdade de expressão, sem julgamentos baseados na aparência. O *hippie* busca uma aproximação filosófica que destaca a liberdade, a paz, o amor e o respeito para com a terra.

A busca por uma existência autêntica levou a juventude contracultural dos anos 60 a ampliar o seu conceito de política, estendendo-o ao corpo, ao comportamento dos indivíduos, à questão sexual. [...] Através da psicanálise e de sua proposta de autoconhecimento e sanidade psíquica, observava-se o quanto a sociedade era alienante e repressora da natureza humana; através do existencialismo sartriano, procurava-se o exercício pleno da liberdade, ou seja, da escolha; e, através das filosofias orientalistas e da utilização das drogas lisérgicas, apontavam-se novos caminhos para o entendimento e para a formação de uma nova consciência (BARROS, 2007, apud GARCIA; ORSATTO, 2013, p. 5)

A origem deste movimento encontra raízes nos integrantes da Geração *Beat*. A partir dos valores dos *beatnicks*, os *hippies* criaram e moldaram as ideologias do movimento, também adotando as características comportamentais; ou seja, assim como os *beatnicks*, eles levavam uma vida nômade, com forte presença de sexo, drogas como meio de fuga e um discurso voltado para a liberdade. Condenavam o capitalismo e buscavam difundir sua mensagem de forma diferenciada.

Foram os *hippies* que levaram a movimentação contracultural para as universidades, utilizando o ambiente universitário para fazer protestos e reivindicações como, por exemplo,

[..] sendo as mais polêmicas a de Berkley e a Universidade de Michigan, onde os estudantes ao serem proibidos de distribuírem material de protesto ocuparam o edifício principal da universidade e realizaram a primeira ação a fim de mostrar a atuação "imoral" dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã respectivamente. Organizados no movimento estudantil, protestavam contra o racismo, a pobreza, a inferioridade de direitos femininos, a falta de liberdade de expressão (MARTINS, 2013, p. 9).

A forma de pensar dos hippies entra em choque com os ideais da sociedade americana capitalista, por contestarem-na e pôr em dúvida os seus valores tradicionais. As intervenções que os grupos *hippies* faziam, como feiras e festivais, mostravam a forma de abordagem pacifista e libertária, características do movimento, além de ser acessível para outras pessoas.

O auge do movimento ocorreu em agosto de 1969, com o chamado *Woodstock Music & Art Fair* ou, como ficou conhecido informalmente, o Festival de Woodstock. Este aconteceu na cidade de Bethel, no estado de Nova York, nos Estados Unidos. O festival durou três dias, de 15 a 17 de agosto, e contou com a presença de mais de meio milhão de pessoas. A liberdade no amor e no uso de drogas foi completamente permitida durante o festival, que contou com a apresentação de diversos gêneros musicais.

O Festival de Woodstock foi considerado um marco para a contracultura da década e a epítome do movimento *hippie*. A partir deste festival, considera-se o início do fim deste movimento contracultural.

2 O GONZO - CRIADOR E CRIATURA

Mas *qual* era a pauta, exatamente? Ninguém se dignou a dizer. Teríamos que descobrir sozinhos. Livre-Iniciativa. O Sonho Americano. Horatio Alger destruído pelas drogas em Las Vegas. Fazer tudo *na hora*: puro jornalismo gonzo (THOMPSON, 2010, p. 20).

Como personagem principal do nosso trabalho, trataremos o Gonzo como o criador do autor que escreve e não o contrário. Por ser um estilo de narrativa que tem como objetivo uma abordagem pessoal e íntima com a ação descrita, ocorre uma união entre o Gonzo e seu escritor durante o contar da história. Hunter Thompson, principal realizador do Gonzo e, por vezes, dito o único, combina-se entre os papéis de criador e criatura na alucinante narração das suas histórias.

Hunter Stock Thompson nasceu no dia 18 de julho de 1937, na cidade de Louisville, no estado de Kentucky, nos Estados Unidos. Era o mais velho de três irmãos e a família era de classe média. O pai, Jack Robert Thompson, era vendedor de seguros e veterano de guerra, tendo participado do confronto da Primeira Guerra Mundial, enquanto a mãe, Virginia Ray Davison, trabalhava como bibliotecária na *Louisville Public Library*.

Como era uma criança muito ativa, desde pouca idade, Thompson sempre mostrou interesse por confusão. “Quando criança, tinha entre suas diversões jogar pedras e dar tiros com uma espingarda de pressão em alvos móveis ou não. Também gostava de destruir propriedades alheias” (JULIÃO; MAGALHÃES, 2006, p. 51). Aos oito anos de idade, foi pego pela polícia cometendo vandalismo dentro do banheiro de um parque, junto com um grupo de colegas. A ocorrência do fato foi registrada. Thompson não tinha muito exemplo de conduta em casa, já que tanto o pai quanto a mãe eram alcoólatras; inclusive, seu pai tinha impulsos violentos e descontava nos filhos.

Thompson também apreciava a prática de esportes. Durante o ensino fundamental, co-fundou o grupo *Hawks Athletic Club* e organizou várias equipes esportivas; no ensino médio, praticou do baseball ao basquete. Apesar de não se juntar a nenhum time neste período, Thompson já escrevia seus textos sobre

esportes para o *Southern Star*, um jornal mimeografado e editado pelo seu amigo Walter Kaegi Jr., que havia começado quando ambos eram crianças, porém já estava se tornando um jornal maior.

No ano de 1952, quando Thompson tinha 15 anos, seu pai sofre um ataque cardíaco e vem a falecer. O acontecimento fez com que sua mãe mergulhasse mais ainda no alcoolismo e o jovem Thompson começasse a beber e largasse os esportes.

A prática do vandalismo aumentou. Thompson formou um grupo rebelde com seus amigos. Eles fugiam da escola para beber e cometer atos de depredação na cidade. Prestes a completar 18 anos, Thompson foi preso por roubo e condenado à sessenta dias de prisão. Comemorou a maioridade atrás das grades. Em razão de sua prisão, Thompson não conseguiu terminar o ensino médio, pois o superintendente da escola não permitiu que ele fizesse os exames finais estando preso.

Após cumprir a pena, por sugestão do juiz que estava encarregado do seu processo, Thompson se alista na Força Aérea. Primeiramente, ele completou o treinamento básico em Lackland, no Texas e, após o término, foi transferido para uma base aérea no estado de Illinois. Thompson tentou se alistar para ser aviador, porém seu pedido foi negado. Foi então servir na base de Eglin, na Flórida. Apesar de empenhado nas atividades, continuou causando problemas onde havia se instalado, como mau comportamento e baderna; porém, conseguiu se estabelecer em Eglin, pois escrevia matérias sobre esportes para a revista interna da base, a *Command Courier*, que era lida por todos que ali trabalhavam. Também escrevia uma coluna de esportes para um periódico local, chamado *The Playground News*. Entretanto, Thompson não assinava os textos publicados pois era proibido, para quem trabalhava na Força Aérea, manter empregos externos.

No ano de 1958, Thompson foi dispensado com honras de seu serviço prestado na Força Aérea, resultado do seu ótimo trabalho na revista da base. A nova liberdade trouxe amplas oportunidades para o jovem escritor e Thompson começa a sua jornada de viagens por diversos países. Primeiramente, ele foi trabalhar em Porto Rico, na revista *El Sportivo*; porém ficou pouco tempo na cidade, logo voltando para os Estados Unidos. Esta experiência em Porto Rico teria sido a base para o

seu livro *The Rum Diary*. O livro foi escrito no começo da década de 60, período em que Thompson estava no país latino, mas foi lançado apenas em 1998.

Após um breve retorno para os Estados Unidos, Thompson volta para a América Latina, mas dessa vez seu destino é o Brasil. Foi como correspondente internacional da *National Observer* que Thompson escreve durante este período. A forma subjetiva de escrever deste jornalista já começa a aparecer nos textos para a publicação, porém a narração é em terceira pessoa, já através de um alter-ego.

Ainda escrevendo para a *National Observer*, Thompson retorna para os Estados Unidos e viaja por diversas regiões do país, cobrindo festivais de música e outros temas considerados de interesse público. O jornalista, que tinha um viés político com forte presença nos seus textos e opiniões, começou a apresentar desavenças com a direção da revista, pois foi-lhe designada a tarefa de resenhar livros e ele se recusou a resenhar o livro de Tom Wolfe “*The Kandy-Colored Tangerine Flake Streamline Baby...*”. Isto o levou a pedir demissão.

O New Journalism, ou Novo Jornalismo, estava no auge na época e Thompson viu, nesta forma de narrativa, um meio de contar o que ele queria que fosse contado. Segundo Julião e Magalhães,

Thompson queria mais do que aquilo. Sofria o mesmo drama de muitos dos seus contemporâneos. Ele queria escrever ficção, mas tinha que se sustentar com o jornalismo enquanto não tivesse algum êxito literário. O surgimento do Novo Jornalismo foi a chance que tanto ele quanto muitos repórteres especialistas em reportagem esperavam. E o tema que encontrou para sua entrada no Jornalismo Literário tinha muito a ver com sua personalidade marginal (JULIÃO; MAGALHÃES, 2006, p. 54).

O tema a que os autores se referem são os *Hell's Angels*, grupo de motoqueiros famoso neste período pelo caráter arruaceiro e vândalo. Estampavam matérias nos jornais em razão de suas confusões e ganharam mais destaque após a publicação do relatório *Lynch Report*, escrito por Thomas C. Lynch, o então Secretário de Segurança da Califórnia, acusando-os de serem uma ameaça para a sociedade. Porém, muitas das informações contidas neste relatório eram duvidosas, e “o relatório ajudou a alimentar uma safra de matérias sensacionalistas sobre os

Hell's Angels, que muitas vezes não correspondiam ao que de fato havia acontecido” (CZARNOBAI, 2003, p. 31).

Thompson decide investigar o que realmente era verídico e o que não era nos relatos sobre a gangue. O jornalista entra para os *Hell's Angels* e passa a conviver com os motoqueiros como um membro da gangue. Ele viveu 18 meses junto com o grupo, participando das reuniões, que se resumiam em bebedeiras e ocasionalmente no uso de drogas. Sobre este assunto, Thompson foi bem franco nos seus comentários.

Os Angels insistem em dizer que não há viciados em drogas em seu clube, e, para todos os efeitos legais e médicos, isso é verdade. Viciados são centrados; sua necessidade física por qualquer que seja a droga em que estejam viciados os força a serem seletivos. Mas os Angels não têm foco algum. Eles devoram drogas como vítimas da fome soltas em um raro banquete. Eles usam qualquer coisa que esteja disponível e se o resultado disso forem gritos e delírio, então que seja" (THOMPSON apud CZARNOBAI, 2003, p.31-32).

Foi neste período que o uso de drogas apareceu na vida de Thompson. Ele experimentou LSD pela primeira vez em uma das reuniões da gangue e, após o fato, o consumo de entorpecentes virou um hábito para o jornalista. O convívio de um ano e meio de Thompson com os *Hell's Angels* resultou em uma matéria publicada na revista *Nation*, no ano de 1965.

A reportagem de Thompson fez grande sucesso e diversas editoras se propuseram a transformá-la em livro. No final, a *Randon House* obteve os direitos e o livro *Hell's Angels: The Strange and Terrible Saga of the California Motorcycle Gang* foi lançado em 1967.

Apesar de conter uma forma de captação inovadora comparada a do *New Journalism* e algumas características mais ousadas, a reportagem sobre os *Hell's Angels* ainda não é considerada jornalismo Gonzo, porque, segundo Czarnobai (2003), faltam no texto algumas características fundamentais do Gonzo.

A prática do jornalismo Gonzo só surgiria na vida de Thompson bem no começo dos anos 1970, em uma espécie de volta às origens, quando passa a escrever novamente para uma revista de esportes.

No ano de 1970, Thompson é contratado para escrever uma reportagem para a revista *Scanlan's Monthly* para cobrir uma corrida de cavalos no estado de Kentucky, nos Estados Unidos. Porém, sua matéria "*The Kentucky Derby Is Decadent and Depraved*" se transformou em uma crítica ao público presente e à comunidade do lugar. A reportagem foi a primeira a ser considerada jornalismo Gonzo, classificação dada pelo editor Bill Cardoso, ao escrever um comentário sobre a matéria no qual "[...] esbraveja: "– Eu não sei o que porra você está fazendo, mas você mudou tudo. É totalmente gonzo" (RODRIGUES, 2011, p. 3). O significado mais considerado da palavra gonzo é a que tem origem no francês *gonzeaux*, que significa trilha iluminada ou caminho iluminado. Porém há diversas definições que variam de dicionário para dicionário, não configurando em apenas uma significação.

Logo depois da publicação deste primeiro artigo Gonzo, Thompson parte em outra viagem, com o objetivo de cobrir a corrida de motos *Mint 400* para a revista *Sports Illustrated*. O evento ocorreu no deserto do estado de Nevada. Junto com seu amigo advogado, Thompson embarca em direção à Las Vegas, porém o propósito da viagem muda e torna-se "uma profunda análise sociológica dos viciados em jogo e drogas e todo o tipo de degenerado que se reúne em volta dos cassinos" (CZARNOBAI, 2003, p. 34).

A narrativa também acaba por contestar e desmistificar a busca pelo *American Dream* (conceito mostrado no Capítulo 1 deste trabalho). Thompson mostra, no seu relato, que teve muita influência da Geração *Beatnick*, a qual também criticava este modo de viver. O jornalista gonzo questiona a funcionalidade do *American Dream* ao sair a procura do mesmo, porém agindo como os *hippies*, ou seja, comportando-se totalmente ao contrário do que procurava.

O artigo foi assinado sob o alter-ego de Thompson, Raoul Duke, e o nome do advogado também foi alterado para Dr. Gonzo. A revista *Sports Illustrated* negou-se a publicar a reportagem, porém a revista *Rolling Stones* mostrou interesse e publicou-a com destaque, em duas edições, em novembro do ano de 1971. A história desta viagem tornar-se-ia a obra-prima de Thompson e o ícone do Jornalismo Gonzo, com o título *Fear and Loathing in Las Vegas: A Savage Journey to the Heart of the American Dream*.

Apesar de o livro mostrar uma forma diferente de narrar e ser considerado por muitos o modelo de Gonzo, Thompson tinha outro objetivo para a publicação da história. Previamente, ele queria uma história contada sem cortes ou edições, queria o relato vivenciado pelo autor, direto do papel para o leitor. "Minha meta era comprar um caderno grossão, escrever tudo à medida que ia acontecendo e aí mandá-lo, sem editar" (THOMPSON apud OTHITIS, 1994a).

Mesmo com as mudanças que foram feitas, foi a partir deste livro que Thompson passou a ser conhecido popularmente e representar os ideais de contracultura presentes no período. Os textos de Thompson seriam o resumo do sentimento da geração da qual ele fazia parte,

[...]Thompson pintou em suas matérias um quadro da América que desafiou o que se conhecia a respeito dos habitantes do seu próprio país e dela própria. Ao mesmo tempo, procurou demonstrar que a busca pelo que ele chamava de "Sonho Americano" – um "sonho" muito mais ligado aos desejos de mudanças perpetrados pelos beats e hippies do que às imposições de consumo pautadas pelo capitalismo avançado – deveria estar, em sua perspectiva, sempre ligada a uma disjunção de regras ou amarras" (DAMASCENO, 2012, p. 13).

Ele continuou escrevendo reportagens Gonzo para diversas revistas, como *Playboy* e *San Francisco Chronicle*, e algumas vezes para a *Esquire* e *Vanity Fair*. Continuou a publicação de livros baseados em artigos divulgados em revistas, como o livro sobre a campanha presidencial de 1972, chamado *Fear and Loathing on the Campaigning Trail '72*, e *The Curse of Lono*, que tem como foco os costumes locais de Honolulu, investigados durante uma maratona no local.

Também publicou duas coletâneas; a primeira, *The Great Shark Hunt*, era uma compilação dos melhores artigos de revistas escritos por ele; e a segunda consiste em um conjunto das colunas que escreveu para o *San Francisco Examiner*, quando era crítico de mídia.

Mais recentemente, durante a década de 90, Thompson lançou mais cinco livros. Dentre eles, se encontra o *Songs of the Doomed*, uma crítica para a geração pós-hippies; *Better Than Sex*, que tem um viés político e trata sobre a campanha presidencial de Bill Clinton, no ano de 1992; uma coleção de cartas chamada *The*

Proud Highway: Saga of a Desperate Southern Gentleman, 1955-1967; e *The Rum Diary*, que conta sobre o seu tempo de jornalista em Porto Rico, como já foi comentado anteriormente neste capítulo.

2.1 Os aspectos

Para melhor compreensão das características presentes em um texto considerado Gonzo, apresentamos, nesta parte do capítulo, autores e pesquisadores que tentaram classificar e ilustrar tais características, dentro das narrativas de Thompson, visto como o "único gonzo jornalista do mundo" (OTHITIS, 1994b). Analisaremos estas características a partir de suas presenças na obra *Fear and Loathing in Las Vegas: A Savage Journey to the Heart of the American Dream*, já apresentada neste capítulo.

Nesta narrativa, Thompson inaugura o que seria chamado jornalismo Gonzo. A narração em primeira pessoa e uma participação ativa do autor no desenrolar da história se tornariam referência para identificar o autor e o próprio Gonzo. Para Mitch Moxley, "Gonzo é a verdade através dos olhos do autor, que escreveu a história como um personagem. De fato, a busca do autor pela verdade torna-se a história." (MOXLEY apud CZARNOBAI, 2006, 46).

A partir da narração em primeira pessoa das vivências do autor, o texto passa a ter um caráter mais pessoal e subjetivo. Esta subjetividade presente no Gonzo desafia a objetividade padrão do jornalismo convencional e também torna-se um dos pontos característicos, que lida apenas com um lado da história, a vivida pelo narrador. A questão da imersão do autor também é diferenciada nas narrativas Gonzo. Considerada como uma espécie de osmose, acontecimento biológico no qual dois líquidos se misturam através de uma membrana, a imersão do jornalista Gonzo se dá através do completo mergulho deste no seu objeto de investigação. Thompson entrava de corpo inteiro nas suas histórias, tornando-se um só em união com o seu objeto.

Também presente em vários relatos de Thompson está a abordagem sem rodeios sobre o uso de drogas. Isto aparece como reflexo da influência da Geração *Beatnick* no autor Gonzo, que era “adepto de técnicas que o aproximam muito mais dos ideais *beatniks* e *hippies* (como o obrigatório abuso de drogas, os caóticos métodos de captação e a liberdade criativa na hora de escrever os textos) do que os seus contemporâneos [...]”. (CZARNOBAL, 2003, p. 4). Porém, para alguns pesquisadores, inclusive Czarnobai, esta característica não seria mandatória, “apenas um elemento adicional”.

Apesar da subjetividade presente nos textos, Thompson não seguia as mesmas “regras” em todas as suas reportagens, nem as temáticas estão todas presentes. Conforme a ação se desenvolve, a abordagem de Thompson se constrói.

Considerando os aspectos já citados, apresentamos a classificação de Christine Othitis (1994), para compor as características de um texto Gonzo e para uma melhor análise da personalidade do Gonzo. Autora do artigo *The Beginnings and Concept of Gonzo Journalism*, ela considera sete características básicas para o fazer do jornalismo Gonzo, usando como base o que a escrita de Thompson apresenta:

- sobreposição de temas como sexo, violência, drogas, esportes e política; recorrentes nos trabalhos de Thompson por serem temáticas do seu interesse e de grande visibilidade no período destes trabalhos;

- Uso de citação de pessoas famosas e outros escritores ou, às vezes, de si próprio como epígrafe. Thompson aderiu a esta prática “como forma de situar o leitor no clima da narrativa, oferecendo uma prévia do texto” (JULIÃO; MAGALHÃES, 2006, p. 63);

- referência a figuras públicas como jornalistas, atores, músicos e políticos; usado como um modo de ilustrar e popularizar o texto dentro da sociedade norte-americana;

- tendência de se afastar do tópico principal ou assunto que havia começado; característica marcante dos textos de Thompson, que começa com o objetivo de cobrir algum acontecimento, porém termina se atraindo pelas particularidades de pessoas e locais, mudando a narrativa junto;

- uso de sarcasmo e/ou vulgaridade como humor; também outro ponto importante presente na narrativa de Thompson. O jornalista utiliza-se do humor para descrever acontecimentos e pessoas, além de ser sarcástico consigo próprio, seus propósitos e até com o ofício de jornalista;

- tendência por palavras que “fluem” e uso extremamente criativo do inglês; Thompson ficou conhecido por ser um escritor inteligente, de língua afiada, com vocabulário abrangente e uma forma de escrever diferente do coloquial;

- análise de situações extremas; os detalhes são parte da construção narrativa no texto Gonzo, desde detalhes externos e de aparências até internos e de personalidade, para formar uma representação visual mais intensa. Thompson também utiliza-se de monólogos internos.

Nota-se que, nas características citadas por Othitis, a narração em primeira pessoa e a subjetividade no texto não estão listadas. A autora mantém o foco na parte técnica da escrita Gonzo.

Ainda há mais uma característica, citada pelo próprio Thompson: o uso de ficção nos textos. Este é um tópico polêmico por entrar em conflito com o “relatar a verdade ao leitor” do jornalismo. Thompson afirma que muitas das histórias que contou nas suas obras nunca aconteceram e identifica o Gonzo como “um estilo de reportagem baseada na ideia do escritor William Faulkner, segundo a qual a melhor ficção é muito infinitamente mais verdadeira que qualquer tipo de jornalismo – e os melhores jornalistas sempre souberam disso” (THOMPSON apud CZARNOBAI, 2003, p. 36). Nunca é especificado o que é ficção ou não na história e isto fica a critério do leitor a interpretação.

Othitis também comenta sobre a ficção de Thompson e sua relação com o texto e o leitor. Apesar de classificar características para um texto Gonzo, Othitis (1994b), assim como outros que procuram definir a prática dentro de regras, termina por ressaltar que não há limitações concretas para se fazer um texto Gonzo. Ela comenta que “Gonzo é como nossas noções de história – é construído por verdades e mentiras, pode ser inconstante ou constantemente reescrito. O que importa é a percepção e personalidade – de ambos escritor e leitor.”

Apesar de todos os aspectos mostrados, não temos uma fórmula concreta do que seria fazer um texto Gonzo. Para alguns autores, o Gonzo pode ser considerado uma forma de personalização, com algumas características acima citadas, porém sem ser necessário o aparecimento de todas. Outros o conceituam como gênero que teve como base o Jornalismo Literário, porém levado por um rumo mais extremo, contendo também apenas algumas das características, tirando as mais intensas, como o uso de drogas e a parte fictícia. Acontece que as duas características estão presentes em todas as narrativas de Hunter Thompson. Notamos que muitos dos aspectos listados fazem parte da personalidade do autor e da atmosfera do período que Thompson viveu.

A definição para a palavra Gonzo em dicionários não incluiu o termo gênero, apenas nomenclaturas como modo de escrever “estranho”, “subjetivo”, “incomum”, “não-convencional” e “bizarro”.

Buscamos, neste trabalho, mostrar todas as possibilidades dentro de um texto Gonzo para melhor abrangência na análise. O nosso objetivo consiste em mostrar que o Gonzo não tem um formato específico que o configure como gênero. Pretendemos mostrar também que a forma de narrar fora dos padrões acontece mais por preferência do autor e influência do período do que por alguma regra determinada. Entende-se o ambiente como sendo o criador do artista. Apresentamos, para a nossa análise, autores que viveram antes de Thompson e fizeram trabalhos parecidos com o do nosso autor Gonzo.

3 A ANÁLISE

Para o nosso trabalho, decidimos abordar a fragilidade do jornalismo Gonzo (aqui tratado apenas por Gonzo) dentro do que se considera e se aceita como gênero, e a questão da influência que os acontecimentos do ambiente causam no autor. Por gênero, compreendemos a classificação de textos dentro de parâmetros narrativos, conforme características textuais precisas.

Nos capítulos anteriores, apresentamos as diversas características e classificações que a forma de escrever de Thompson manifesta e o período no qual o autor Gonzo viveu, como fator importante para o entendimento da expressão narrativa do Thompson. Mostramos, por meio de estudiosos do assunto, que as características que denominam um texto Gonzo, além de serem amplas, divergem entre si e variam de pesquisador para pesquisador, conforme uma leitura pessoal do conteúdo publicado, pois

Ao contrário de outros formatos mais rígidos, o Gonzo Journalism encontra dificuldades em ser definido com precisão por ser personalizado de acordo com as demandas e expectativas do escritor. Esta afirmação não se relaciona apenas com o fato de Thompson ser o principal autor do gênero - e, como tal, ditador da maioria dos seus conceitos e princípios -, mas também com a anarquia e libertinagem que o gênero permite, uma vez que não existem regras. Gonzo é uma mistura de fato e ficção, escrito em um estilo instintivo e cativante (CZARNOBAI, 2003, p. 45-46).

Tendo isto em vista, neste capítulo, faremos a análise do Gonzo presente em outros escritos anteriores à sua aparição, tendo como base a presença de algumas de suas denominadas características, as circunstâncias dos autores e as semelhanças notadas por outros pesquisadores. Faremos uma comparação com os escritores de períodos anteriores ao Thompson que realizaram trabalhos semelhantes ao do jornalista em outros campos profissionais. A escolha dos autores abordados para a questão principal a ser analisada acontece pela semelhança de suas práticas com as de Thompson e a abrangência e inovação dos seus feitos dentro dos seus respectivos campos, assim como Thompson realizou no jornalismo.

O primeiro autor discutido será o antropólogo Bronislaw Malinowski, que inovou no campo da antropologia com o método de pesquisa da observação participante, que consiste em realizar uma imersão pessoal juntamente com o objeto de pesquisa para melhor compreensão das particularidades do mesmo. Apresentamos como foco para esta parte da nossa análise o conceito da observação participante, que se assemelha à imersão que Thompson realizou durante seu período de convivência com a gangue de motociclistas *Hell's Angels*. Além disso, a escrita de Malinowski no livro “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” é em primeira pessoa, narrando os acontecimentos vividos pelo antropólogo durante seu período de convivência com os nativos das ilhas Tobriand, similar à forma de escrever de Thompson.

Na sequência, analisaremos os livros de Jack London, escritor americano conhecido por suas viagens que serviram como inspiração para os seus romances. As narrativas de London refletem muito da sua experiência pessoal e opiniões próprias, além de serem baseadas nas aventuras que ele mesmo viveu. O modo de abordar a vida de uma forma crua e de um ponto de vista pessoal, com comentários de cunho íntimos, e até o uso de um alter-ego, aproximam-se muito das narrativas de Jack London e Hunter Thompson. O cerne da questão a ser discutida será a vontade do autor em fazer uma narrativa de cunho pessoal. Ambos autores não se baseavam em regras para a escrita, mas em vivências e a vontade de contar uma história.

O último tópico do capítulo lida com autores de períodos distintos, porém anteriores ao Thompson, que apresentaram afinidade com a escrita Gonzo em alguns de seus textos e livros.

Pretendemos, com a nossa análise, apresentar uma versão mais ampla e menos dogmática da prática Gonzo, ir além de regras e classificações, como fez Thompson, e olhar pelo lado que rege o desejo de contar uma história, um acontecimento ou até mesmo contar sobre si próprio. Procuramos analisar o papel do criador e da criatura de um modo inverso, considerando o escritor como a criatura e o ambiente ao seu redor como o criador.

3.1 Malinowski e a observação participante

Os troncos roliços e gastos pelo contato de pés descalços e corpos nus, o chão pisado da rua da aldeia, a pele marrom dos nativos, que imediatamente se reúnem em grandes grupos ao redor do visitante, tudo isso forma um esquema de cor cinza e bronze, inesquecível a qualquer pessoa que, como eu, viveu em meio a essa gente (MALINOWSKI, 1984, p. 73-74).

Bronislaw Malinowski nasceu na Cracóvia, no dia 7 de abril de 1884, e obteve formação acadêmica inicial no campo das ciências exatas, com doutorado em física e matemática pela Universidade de Cracóvia. Porém, após ler “O Ramo de Ouro”, livro do antropólogo Sir James Frazer, decidiu ingressar no campo da antropologia. Tal leitura influenciou seu modo de fazer pesquisa e a forma como faria seus relatos, já que Frazer também abordava questões voltadas para a compreensão do ser humano em sua totalidade.

Após uma breve permanência em Leipzig, Alemanha, quando deu início a sua formação na antropologia, Malinowski rumou para Londres, no ano de 1910, pois foi admitido na *London School of Economics* como aluno de pós-graduação.

Compreendemos por antropologia uma ciência que estuda o ser humano de uma forma aprofundada, nos âmbitos biológico, social e cultural. Esta teve seu auge como ciência social durante o movimento Iluminista, no século XVIII, decorrente de vários relatos de viajantes e missionários que, em suas jornadas, cruzavam com povos nativos dos países visitados, acarretando novos debates sobre a natureza humana que resultaram no desenvolvimento das pesquisas antropológicas.

A inserção de Malinowski na carreira antropológica “[...] coincide com um período de grande efervescência na antropologia, caracterizado pelo desenvolvimento de novas técnicas de pesquisa e pela crítica aos métodos de interpretação vigentes” (DURHAM apud MALINOWSKI, 1984, p. 10). Essas críticas são parte importante da carreira de Malinowski, que foi considerado um dos fundadores da etnografia. Por etnografia, entendemos a metodologia na qual o pesquisador faz por si próprio a pesquisa de campo, fundamentada na observação participante, ou seja, o pesquisador convive com a comunidade estudada como se

fosse um deles, aprendendo a língua, os costumes e a vivência, com o objetivo de compreender toda a complexidade da cultura.

Malinowski também é considerado o pioneiro do Funcionalismo Etnográfico ou Etnografia Funcionalista. O conceito de funcionalismo tem como pressuposto a contribuição de atividades parciais para o funcionamento da atividade universal do sistema; portanto, compreende as sociedades como totalidades formadas por ações particulares de seus indivíduos, analisando as instituições sociais em termos de satisfação de necessidades, considerando todos os âmbitos (político, cultural, familiar) de cada sociedade. Esta forma de abordagem antropológica contraria o discurso evolucionista da época e atua como um fator importante para as pesquisas de Malinowski.

Trabalharemos, neste ponto, com a metodologia da observação participante, para ilustrar similaridades nos trabalhos de Malinowski e Thompson.

Considerada inovadora para as pesquisas antropológicas da época e tendo suas bases na pesquisa de campo, a metodologia da observação participante foi desenvolvida por Malinowski no começo do século XX. Para Sir James Frazer,

O método do Dr. Malinowski caracteriza-se pela preocupação em levar em conta a complexidade da natureza humana. Ele observa o ser humano em sua totalidade, ciente de que o homem é uma criatura dotada de paixões tanto quanto de razão e não poupa esforços para descobrir a base tanto racional quanto emocional do comportamento humano (FRAZER apud MALINOWSKI, 1984, p. 30).

Malinowski tinha como base na sua pesquisa analisar o ser humano em todas as instâncias, compreendendo todas as atividades realizadas pelo objeto de investigação, a partir de uma intensa observação e presença do pesquisador nos acontecimentos. A observação participante tem como conceito a imersão do antropólogo no cotidiano de outra cultura, fazendo parte de costumes e hábitos, dialogando com os integrantes da comunidade e vivendo como se fosse um deles, para a melhor compreensão da totalidade do lugar. Malinowski também tinha a aspiração pessoal de conhecer outros povos e aprender novas culturas.

Nas viagens pela história humana e pela superfície terrestre, é a possibilidade de ver a vida e o mundo de vários ângulos, peculiar a cada cultura, que sempre me encantou mais que tudo, e me despertou o desejo sincero de penetrar noutras culturas, compreender outros tipos de vida (MALINOWSKI, 1984, p. 394).

Com o auxílio de bolsas de estudos, em 1914, Malinowski consegue realizar uma expedição para Nova Guiné, com o objetivo de pôr em prática uma pesquisa de campo. O antropólogo polonês focou sua pesquisa nos povos nativos das Ilhas Tobriand, na Austrália.

A pesquisa de campo com esses nativos, feita entre os anos de 1915 e 1918, originou sua primeira monografia etnográfica, depois transformada em livro, publicado em 1922, intitulado “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”. Narrado em primeira pessoa, o livro conta com um olhar observador os diversos domínios relacionados à vida social do homem nativo desta ilha como, por exemplo, a psicologia, a sexualidade, a magia/religião, a economia e a cultura. Utilizando a observação participante, Malinowski relata no seu livro que

durante aproximadamente dois anos, e no decorrer de três expedições à Nova Guiné, vivi naquele arquipélago e, naturalmente, durante esse tempo, aprendi bem a sua língua. Fiz meu trabalho completamente sozinho, vivendo nas aldeias a maior parte do tempo. (MALINOWSKI, 1984, p. 36).

Malinowski viveu na ilha Tobriand, primeiramente, no período de junho de 1915 a maio do ano seguinte; posteriormente, em períodos determinados em 1917 e 1918.

Malinowski mudou a forma de fazer antropologia ao criar a metodologia da observação participante. A partir desta forma de fazer pesquisa, proporcionou uma nova visão do trabalho de campo e um caráter mais incluído com o objeto de análise, no qual o pesquisador passa a participar diretamente do cotidiano observado, como ressalta Eunice Ribeiro Durham, consultora do livro “Malinowski – Vida e Obra”,

Malinowski alterou radicalmente essa prática, passando a viver permanentemente na aldeia, afastado do convívio de outros homens brancos e aprendendo a língua nativa, tarefa para qual, aliás, era extremamente dotado. Desse modo, embora não dispensando o uso de informantes, substitui-o em grande parte pela observação direta, que só é possível através da convivência diária, da capacidade de entender o que está sendo dito e de participar das conversas e dos acontecimentos da vida da aldeia (DURHAM apud MALINOWSKI, 1984, p. 46).

Com a observação participante, os pesquisadores são levados a personificar e participar dos hábitos dos grupos observados para tornarem-se aptos em analisar comportamentos, acontecimentos e posturas para um melhor trabalho de campo, como ilustra Malinowski no livro “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”,

Tive de aprender a comportar-me como eles e desenvolvi uma certa percepção para aquilo que eles consideravam como “boas” e “más” maneiras. Dessa forma, com a capacidade de aproveitar sua companhia e participar de alguns de seus jogos e divertimentos, fui começando a sentir que entrara realmente em contato com os nativos (MALINOWSKI, 1984, p. 46).

Durante o período da pesquisa, Malinowski teve a oportunidade de vivenciar rituais realizados pela tribo dos Tobriand, como o ritual do Kula. Apesar de não poder participar ativamente, por serem atividades compostas por membros exclusivos da tribo, Malinowski pode acompanhar a movimentação em primeira mão.

Isto me ocorreu quando, em março de 1918, assisti a esses estágios iniciais do Kula nas ilhas Amphlett. Durante vários dias, os nativos se haviam preparado para partir e, no último dia, passei a manhã inteira observando e fotografando o carregamento e aprestamento das canoas, as despedidas e a partida da frota. À noite, depois de um dia de muito trabalho, já havia lua cheia, saí para um passeio num barquinho (MALINOWSKI, 1984, p. 187).

Ainda que os resultados obtidos de sua pesquisa fossem o tema principal do seu livro, Malinowski acrescenta à sua narrativa um tom pessoal ao comentar sobre as próprias sensações e opiniões a respeito da vivência na ilha, como, por exemplo, quando ele avalia o período da sua chegada na ilha, na primeira vez.

Lembro-me das longas visitas que fiz às aldeias durante as primeiras semanas; do sentimento de desespero e desalento após inúmeras tentativas obstinadas, mas inúteis para tentar estabelecer contato real com os nativos e deles conseguir material para minha pesquisa. Passei por fases de grande desânimo, quando então me entregava à leitura de um romance qualquer, exatamente como um homem que, numa crise de depressão e tédio tropical, se entrega à bebida (MALINOWSKI, 1984, p. 43).

Malinowski defendia um ponto de vista que leva em consideração a opinião da pessoa que escreve a narrativa. No caso da sua área, a antropologia, Malinowski considera válida a percepção mais aprofundada e a participação do pesquisador no meio do objeto compreendido. Para Malinowski

[...] um trabalho etnográfico só terá valor científico irrefutável se nos permitir distinguir claramente, de um lado os resultados da observação direta e das declarações e interpretações nativas e, de outro, as inferências do autor, baseadas em seu próprio bom senso e intuição psicológica (MALINOWSKI, 1984, p. 42).

O pesquisador da antropologia deve estudar cada detalhe da comunidade em questão, do ponto de vista do nativo, para que possa assim fazer sua própria interpretação lógica a partir da convivência no meio, como fez Thompson quando decidiu escrever sobre os *Hell's Angels*. Thompson conviveu com o grupo durante o período de 18 meses, participando de todas os “rituais” realizados, como se fosse parte daquela organização. Inclusive, a prática da observação participante já foi relacionada ao Gonzo de Thompson por alguns pesquisadores.

A técnica de apuração utilizada por Thompson em *Hell's Angels* é denominada observação participante, a qual, segundo Othitis (1994), era uma forma de apuração em que o jornalista devia participar daquilo que está relatando por ser a forma mais eficiente de observar um costume (LOPES, 2013, p. 10).

A abordagem da observação participante de Malinowski se assemelha com a abordagem realizada do Gonzo de Thompson, ao requerer que o ator ativo e narrador do texto se insira no ambiente da história a ser contada. Malinowski também ousou, ao relatar no seu livro, os seus pensamentos em relação à tribo, a

convivência e os acontecimentos presenciados. O livro “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” também conta com uma narração bem detalhada da atmosfera da ilha.

Para Malinowski, “talvez a mentalidade humana se revele a nós através de caminhos nunca antes trilhados. Talvez, pela compreensão de uma forma tão distante e estranha da natureza humana, possamos entender nossa própria natureza” (MALINOWSKI, 1984, p. 58).

3.2 Jack London e suas viagens

Por aqui corpo e espírito estavam famintos e atormentados (LONDON, 2005, p. 115).

Jack London, pseudônimo de John Griffith Chaney, nasceu no dia 12 de janeiro de 1876, na cidade de São Francisco, nos Estados Unidos. Teve uma vida conturbada, desde antes do seu nascimento, sem nunca ter descoberto com certeza quem era seu pai biológico. Seu nome foi registrado com o sobrenome do astrólogo William Chaney, considerado seu pai biológico, que morava com a mãe de London, Flora Wellman, em São Francisco. Chaney não assumiu responsabilidade pela gravidez de Flora, o que teria sido a causa da sua tentativa de suicídio com um tiro, que a deixou levemente ferida. Logo após o nascimento do bebê, este foi entregue a ex-escrava Virginia Prentiss.

Porém, no final do ano de 1876, a mãe de Jack casou com o veterano de guerra John London e trouxe o bebê para morar com a nova família. Houve diversas mudanças até a família se instalar na cidade de Oakland, na Califórnia.

A paixão pela leitura iniciou em 1885, quando London leu o romance “Signa”, influenciado por uma bibliotecária de Oakland. Aos 10 anos de idade, London tornou-se entregador de jornais. No ano de 1889, ele começou a trabalhar em uma fábrica de enlatados, com uma jornada de 12 a 18 horas diárias. Procurando uma alternativa, London comprou, com dinheiro emprestado, um barco a vela de um pirata de ostras, fazendo com que essa fosse sua nova função. A compra do barco

instigaria uma conexão de London com o mar que continuaria presente por toda sua vida. O barco acabou danificando e London não pode mais trabalhar como pirata de ostras. Foi, então, admitido como membro da Patrulha Pesqueira da Califórnia.

Perto de completar 17 anos, London caiu no mar, bêbado, e foi resgatado por pescadores. A partir do acontecido, ele embarcou na escuna *Sophie Sutherland* para realizar uma viagem pela costa do Japão, que tinha como objetivo a caça de focas no Pacífico. Durante a viagem, a tripulação do barco enfrentou um tufão que quase destruiu a embarcação.

Como Thompson, London ficou conhecido pela particularidade de apenas transcrever no papel o que havia vivido. A aventura de London com o *Sophie Sutherland* serviu de inspiração para o livro “O Lobo do Mar”. Classificado como romance, o livro conta a trajetória de Humphrey van Weyden a partir do momento em que este foi resgatado de um naufrágio. O navio que o resgatou, chamado *Ghost*, era comandado por um impiedoso capitão, Wolf Larsen. *Ghost* era um barco destinado à caça de focas e seus tripulantes não passavam de caçadores e meros marujos com pouca moral. Hump, apelido dado pelos marujos, começa uma jornada de luta para poder viver entre as cabines do navio. “O Lobo do Mar” traz uma história de sobrevivência, adaptação e questionamentos de quando termina o homem e começa o instinto.

London usa nomes fictícios para os personagens, porém a narração é feita em primeira pessoa, do ponto de vista de Humphrey van Weyden, alter-ego do autor. As indagações e diálogos entre os personagens refletem os próprios questionamentos de London durante a viagem. A abordagem do livro é de caráter completamente pessoal, com descrição detalhada, tanto da visão do protagonista narrador como do ambiente do navio.

Ouvia o vento em cima de mim; chegava até meu ouvido como um trovão velado; de vez em quando alguém andava pela escotilha. Uma série infinita de estalos me rodeava por todas as partes, as madeiras e as junções se queixavam, gritavam e lamentavam em mil tons diferentes. Os caçadores continuavam discutindo e vociferando como uma raça semi-humana, anfíbia. A atmosfera estava cheia de xingamentos e expressões vulgares; via seus rostos vermelhos e coléricos, a brutalidade desbragada, acentuada pela luz doentia e amarelenta das lâmpadas que se balançavam com os movimentos do barco (LONDON, 2013, p. 41).

O principal relacionamento no livro, entre Hump e o capitão Wolf Larsen, é construído por diálogos interessantes e desafiadores, abordando o lado mais pessoal e íntimo da vivência de um navio e também da forma como compreender a vida.

– O senhor leu Darwin – eu disse –, mas o leu de maneira equivocada se deduz que a luta pela existência sanciona a sua versão licenciosa para a destruição da vida.

Encolheu os ombros.

– Você só relaciona isso com a vida humana, porque, no que diz respeito aos animais, às aves e aos peixes, você os destrói tanto como qualquer outro homem. A vida humana, no entanto, não é de nenhum modo diferente, ainda que você assim o sinta e creia que tem boas razões para isso. Por que eu deveria ser parcimonioso com esta vida que é tão barata e não tem nenhum valor? (LONDON, 2013, p. 63)

Wolf Larsen tem um papel importante na história, pois atua como uma contraparte de Humphrey e um desafio intelectual e físico para o protagonista. Paralelamente, o próprio protagonista atua como uma contraparte para si mesmo, ao ver seus ideais e condutas serem questionados conforme passa mais tempo em alto mar, parecendo-se com os tripulantes do barco caçador.

Eu começava a sentir que jamais poderia ser novamente o mesmo homem de outrora. Embora minha esperança e minha fé na vida humana sobrevivessem à crítica destrutiva de Wolf Larsen, ele conseguira causar mudanças em pequenas coisas. Ele revelou para mim o mundo real, do qual eu não sabia praticamente nada e do qual eu sempre me escondera. Eu havia aprendido a olhar mais de perto para a vida enquanto a vivia, a reconhecer que havia fatos consumados, a sair do domínio da mente e das ideias e a atribuir certo valor às fases concretas e objetivas da existência. (LONDON, 2013, p. 137).

O livro foi lançado no ano de 1904, um ano após o primeiro sucesso de London, “O Chamado da Floresta”. London também tentou o trabalho de garimpeiro, em 1897, e foi para o Alasca para exercer a função. Foi desta experiência que a história para “O Chamado da Floresta” se originou. A narrativa conta a história do cão de trenó Buck, que precisa aprender a viver no meio selvagem da floresta, um

ambiente que não está acostumado. A maioria das histórias de London compartilham do tema de adaptação a um lugar primeiramente desconhecido, considerado selvagem à primeira vista.

Após seu retorno da viagem com o *Sophie Sutherland*, London voltou para casa e encontrou os Estados Unidos assolado pela depressão industrial. Durante este período, o escritor arranhou trabalhos em fábricas e usinas, com péssimos salários e condições físicas.

Insatisfeito com a situação, London decidiu se juntar aos protestos dos trabalhadores desempregados na marcha “Exército de Kelly”. Assim, se dá início sua trajetória de andarilho, passando a viajar clandestinamente nos trens. Os acontecimentos deste período estão retratados no livro “De vagões e vagabundos – memórias do submundo”.

O livro, composto de contos e textos narrados em primeira pessoa, conta a jornada de uma pessoa descobrindo um mundo novo. London narra todas as sensações, pensamentos e acontecidos da época, desde sua decisão em se tornar um vagabundo até as descobertas e aprendizados adquiridos no processo. Também relata a ação de subir em um vagão de trem.

Imagine que um vagabundo, depois que o trem já começou a andar, consegue subir na minúscula plataforma de um desses vagões blindados. Não há porta ou a porta está trancada. Nenhum condutor ou cobrador pode alcançá-lo e obrigá-lo a recolher bilhetes ou então jogá-lo para fora. É óbvio que o vagabundo está a salvo até a próxima parada. Aí ele deve saltar, correr à frente na escuridão e, quando o trem passar ao seu lado, subir novamente no vagão. Mas há modos e modos de se fazer isso, é o que você verá (LONDON, 2005, p. 47).

Neste livro, London utiliza o nome de Johnny ao narrar as cenas; porém, no capítulo que conta sobre o período que esteve preso por vadiagem e foi à julgamento, o escritor revela uma confusão com seus nomes.

Eu dei o nome de Jack Drake, mas quando me revistaram encontraram cartas endereçadas a Jack London. Isso trouxe problemas e exigiu explicações, as quais já sumiram de minha memória, e até hoje não sei se fui preso sob o nome de Jack Drake ou Jack London. Mas um ou outro deve estar lá, no registro da prisão de Niágara (LONDON, 2005, p. 69).

Assim como Thompson faria anos depois, London também mostrava seu posicionamento político nos textos. Além de contar suas histórias, no livro “De vagões e vagabundos – memórias do submundo”, London tece uma crítica ao sistema capitalista e descreve à sua conversão (palavras do autor) para o socialismo.

Creio que ficou evidente que o meu individualismo feroz foi eficazmente expulso de mim e que alguma outra coisa foi, tão ardorosamente quanto, introduzida. Assim como tinha sido um individualista sem sabê-lo, eu era agora um socialista sem sabê-lo, ou seja, um socialista nada científico. Tinha renascido, mas não ainda rebatizado, e estava dando voltas para descobrir que espécie de coisa eu era. Voltei para a Califórnia e abri os livros. Não me lembro quais foram os primeiros. De qualquer modo, pouco importa (LONDON, 2005, p. 114).

Ambas narrativas de London aqui analisadas apresentam o tom da prática Gonzo de Thompson ao fazerem narrativas íntimas com relatos conforme a ação acontece. London lançou muitos outros livros com esta maneira de escrever. As viagens feitas pelo autor mostram ser uma grande fonte de incentivo para criar o material das histórias. Além disso, London demonstra interesse por incluir na narrativa tanto a viagem física para outros lugares, como a viagem interior do ser humano que as vivencia.

[...] após uma viagem de sete meses junto aos mastros de um navio, com dezoito anos recém-completos, entrou em minha cabeça a ideia de experimentar a vida de vagabundo. Por estradas e vagões fechados eu abri caminho, a duras penas, desde o vasto Oeste onde os homens saltavam pelos campos e os empregos caçavam os homens, até os centros congestionados do Leste, onde os homens não eram senão pequeninas batatas lutando por seus empregos com toda a força que possuíam. E nesta nova aventura selvagem me descobri encarando a vida de um ângulo inteiramente novo e diferente (LONDON, 2005, p. 112).

3.3 O Gonzo anterior ao Gonzo

Ao realizar nossa pesquisa sobre o Gonzo, nos deparamos com exemplos da aparição deste modo de narrar anterior ao seu dito surgimento e criação com Hunter Thompson. Assim como destacado nos dois primeiros tópicos deste capítulo, com Bronislaw Malinowski e Jack London, algumas das características denotadas do Gonzo aparecem com outros autores precedentes ao período do Thompson, levando a uma comparação entre o feito destes com o do jornalista Gonzo. Com o intuito de oferecer uma visão sobre a forma de atuar de Thompson, pesquisadores do assunto citam nos seus trabalhos, ao comentar sobre o que configuraria um texto como Gonzo, similaridades de outros escritores com o que Thompson realiza na prática.

A comparação das práticas serve para exemplificar influências e estilos de escrita nas quais Thompson teria sua base. Acabamos por perceber que tais comparações, ao serem realizadas, nos mostram um ponto de vista mais pessoal da utilização do Gonzo. Ao invés de ter sido criado propositalmente como um gênero, esta prática apareceria a partir da necessidade do autor e uma escolha pessoal de abordagem, com certas semelhanças e também diferenças nos textos. O próprio Thompson, como já comentado no segundo capítulo deste trabalho, apresenta entre suas reportagens Gonzo diferenças na forma de abordar assuntos, na estrutura da narração e no desenvolvimento da história, posto que “[.] o Gonzo Journalism é declaradamente iconoclasta e se propõe a não respeitar nenhuma regra - nem as que o próprio Thompson inventa”. (CZARNOBAI, 2003, p 63-64).

Nesta parte do capítulo, abordaremos esta questão da comparação feita entre a prática do Gonzo de Thompson, com outras práticas realizadas por outros escritores, ou seja, utilizaremos da fala de pesquisadores para elucidar tais comparações, para poder montar um cenário mais amplo da questão-problema da configuração do Gonzo dentro de um gênero, criado por Hunter Thompson.

Através de um quadro, constando os autores e escritores que aparecem como influência para Thompson e as citações que ilustram esta ação, procuramos montar a perspectiva do Gonzo de abranger mais facetas de narrativa, a partir dos objetivos

e vontades pessoais do autor que o realiza. Também apresentaremos os autores referenciados na tabela, para compreender o histórico profissional destes e relacionar suas vivências com as de Thompson.

Os escritores aqui mostrados nas citações foram retirados de monografias e dissertações sobre o jornalismo Gonzo, considerado um gênero nos referidos trabalhos.

Escritor	Citação
<p>Charles Dickens - escritor inglês do século XIX; Tornou-se notório no período da Era Vitoriana na Inglaterra, sendo considerado um dos principais romancistas do período. Suas histórias, assim como as de Thompson, são marcadas por tratar de temas referentes à sociedade da época vivida, além de um certo tom irônico e uma tênue linha entre o verídico e o ficcional.</p>	<p>Na verdade, as liberdades tomadas pelo gonzo, de alguma maneira, já eram lugar comum em outras formas de literatura. O biógrafo de George Orwell, ao reportar a admiração deste por Charles Dickens, diz que o escritor de 1984 se encantava com a capacidade dickensiana de contar “pequenas mentiras com o objetivo de enfatizar o que ele considera(va) uma grande verdade” (CRICK apud WEINGARTEN apud DAMASCENO, 2012, p. 44).</p>
<p>Kurt Vonnegut – escritor estadunidense, formado em química e veterano de guerra. Vonnegut serviu na Segunda Guerra Mundial, sendo feito prisioneiro durante uma das batalhas e presenciado o bombardeio de Dresden, cidade alemã. Para sobreviver, Vonnegut e seus companheiros refugiaram-se em um matadouro de gado subterrâneo. A experiência no matadouro foi a inspiração para seu livro, <i>Matadouro 5</i>, grande sucesso e reconhecimento na sua carreira. A escrita de Vonnegut é marcada por questionamentos de cunho pessoal e humor negro que acarreta uma reflexão sobre a postura do ser humano.</p>	<p>Os cortes rápidos, o uso estratégico da digressão, a habilidade de se arremessar à narrativa como um piloto de testes, controlando as derrapagens de modo que a mais improvável das intenções resulte nas manobras mais suaves, a atitude de fazer com que a loucura pessoal de um indivíduo esmaça frente a vida americana contemporânea - tudo isso demonstra que Thompson e Vonnegut compartilham de uma afinidade. (KLINKOWITZ apud CZARNOBAI, 2003, p. 45).</p>
<p>Jack Kerouac – o mais próximo de Thompson referente ao período da década de 60, Kerouac também foi um escritor formado por suas viagens. Sua grande obra, <i>Pé na Estrada</i>, tem um toque autobiográfico em conjunto com a narração em primeira pessoa e o uso de nomes fictícios nos personagens. A escrita de Kerouac é a que mais se assemelha com o Gonzo pela razão da espontaneidade com que a história se fundamenta. Por viverem o mesmo período, Kerouac e Thompson demonstram a mesma aptidão para o questionamento do <i>American Dream</i> e a busca pelo real significado do conceito.</p>	<p>Apesar de <i>On the Road</i> não poder ser considerado Jornalismo Literário pelos motivos supracitados, sua proximidade com tal vertente jornalística encontra fundamento, justamente, devido à influência que ela e todos os beats exerceram sobre Hunter S. Thompson e seu Jornalismo Gonzo (GARCIA; ORSATTO, 2013, p. 17). Ambos podem ser lidos como se estivessem ligados a uma escala de realidade, que dá primazia ao que podemos chamar de “realidade vivida” (SOUZA, 2004, p. 42)</p>
<p>Terry Southern – escritor norte-americano, conhecido por suas opiniões políticas e a digressão do assunto primário de suas pautas ao realizar matérias. A sua mais famosa reportagem, <i>Red Dirt Marijuana and Other Tastes</i>, começou com o objetivo de cobrir uma competição de <i>cheerleaders</i>, líderes de torcidas de times esportivos, muito comuns nos Estados Unidos. Porém, Southern muda o foco da reportagem ao pedir a um taxista indicações de onde conseguir uma bebida. A reportagem passa a acompanhar Southern e sua jornada em uma destilaria caseira onde fabricam licor de milho. Toda a experiência e as sensações que a bebida causa em Southern são narradas na reportagem.</p>	<p>[...] Terry Southern tem muitas coisas em comum com Hunter Thompson. [...] Southern surgiu nos anos 60 escrevendo artigos para a <i>Esquire</i> e a <i>Rolling Stone</i>, sempre caracterizados pelo dedo em riste contra o consumismo desvairado, a repressão política, a hipocrisia da alta burguesia e a crassa vulgaridade da classe média. (CZARNOBAI, 2003, p. 75-76).</p>

Quadro 1 – xxx

Fonte: pesquisa

Torna-se notória a presença de uma forma de narrativa mais pessoal, questionadora e ousada em escritos literários anteriores à escrita de Thompson. As histórias narradas a partir desta perspectiva refletem, em partes, necessidade dos autores em procurar uma linha de fuga dentro da sociedade. Assim como interpretamos Thompson e sua relação com o Gonzo ao inverter os papéis de criador e criatura, os autores abordados neste capítulo transmitem uma relação de pessoalidade com seus textos e a construção do autor/personagem a partir desta abordagem intimista e despreziosa, presentes nas narrações dos mesmos. Também demonstram a tendência a realizar uma redação quase autobiográfica, baseada na vivência do criador da história. Ou seria baseada na criatura que a história construiu?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a abordagem da questão do jornalismo Gonzo como gênero narrativo, consideramos, através da linha de pensamento alcançada pela releitura inversa do tema criador e criatura, que o foco do nosso trabalho se tornou fonte para outros autores, além daquele que o criou, que o reproduziram. Dessa forma, pensamos o Gonzo como uma prática utilizada dentro da narrativa e não como um gênero.

Ao longo do nosso trabalho, desenvolvemos a análise ampla e que mostrasse um ponto diferente acerca da prática Gonzo, ultrapassando regras e características. Como foco principal, apresentamos o seu dito criador Hunter Thompson, jornalista e personagem da contracultura americana das décadas de 60 e 70. O ambiente no qual o autor se insere interpreta um papel importante no desenvolvimento de uma narrativa Gonzo, pois serve de influência para o autor construir a narrativa. No caso de Thompson, o período contracultural no qual estava inserido foi a base para a concepção dos seus textos.

Lidamos, no nosso trabalho, com a realização desta forma de narrar segundo uma demanda pessoal da pessoa que escreve o Gonzo. Ao ir além da ideia de gênero construído, a nossa análise nos direciona a uma leitura mais abrangente da prática. Trouxemos uma abordagem da presença do estilo de narrar do Gonzo antes mesmo do seu aparecimento com o jornalismo de Thompson, ao analisar textos de autores de períodos anteriores, que realizaram na prática textual aspectos parecidos ao trabalho de Thompson.

Para fundamentar tal ponto, apresentamos o trabalho do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski e a metodologia da observação participante. A abordagem desta metodologia proporcionou analisar a prática Gonzo de uma forma teórica. A comparação entre os dois métodos mostrou similaridades nas práticas realizadas em campos narrativos distintos, construindo um paralelo entre o jornalismo de Thompson e a antropologia. A análise da pesquisa antropológica de Malinowski no nosso trabalho endossou a questão da imersão do escritor no ambiente, um dos principais tópicos discutidos ao pesquisar o Gonzo. A observação participante consiste na imersão do pesquisador no ambiente do seu objeto, permitindo a este

vivenciar a rotina do local analisado. A similaridade com o Gonzo se consolida nesta imersão dos autores que constroem a narrativa.

Apresentamos também os romances do escritor americano Jack London, conhecido por escrever histórias a partir de suas próprias vivências, assim como Thompson. Ao analisar este autor, focamos nas características mais pessoais dos seus relatos, como a escrita em primeira pessoa e a perspectiva mais íntima ao narrar, além de considerarmos o ambiente no qual o autor se insere. As histórias de London contêm semelhanças com as contadas por Thompson, ao lidar com questões de cunho particular e ter o autor como protagonista. Analisamos as similaridades entre os personagens/escritores a partir da influência que o ambiente causa no narrador.

Também mostramos outros escritores de períodos mais próximos ao de Thompson, para nos ajudar a analisar esta questão da construção do Gonzo como gênero. Constatamos no nosso trabalho que o Gonzo abrange uma perspectiva além do Thompson, tendo aspectos constatados na antropologia e na literatura.

O nosso trabalho procurou ampliar as pesquisas acerca do jornalismo Gonzo e trazer um questionamento perante a posição deste como gênero, com base na variedade de características e formas que o texto Gonzo pode ter. Pela questão do criador e da criatura, o Gonzo nos mostrou uma diferente faceta de interpretação. A personalidade Gonzo analisada nos textos nos mostra que ainda há mais pesquisas a realizar sobre a temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Priscilla Fernandes de. **Apatia e manipulação na mídia tradicional: o Jornalismo Gonzo como alternativa**. 2011. 64p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Curso de Comunicação Social, ênfase em Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2011.

COELHO, Teixeira. **O que é indústria cultural**. 35. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993, 45p. (Coleção Primeiros Passos)

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo; o filho bastardo do New Journalism**. 2003. 88p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Curso de Comunicação Social, ênfase em Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

DAMASCENO, Leandro de Lima. **No lado bizarro da estrada – o gonzo em narrativas jornalísticas brasileiras contemporâneas**. 2012. 176p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

DEMÉTRIO, Silvio Ricardo. **Por um jornalismo contracultural: linhas de fuga no New Journalism**. 2007. 102p. Tese (Doutorado em Teoria e Pesquisa em Comunicação). Teoria e Pesquisa em Comunicação, Linha de Pesquisa Jornalismo e Linguagem da Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

FARIA, Lucas Buzatti Lopes de. **A narrativa contracultural do jornalismo gonzo: uma análise dos elementos jornalísticos e literários no livro Medo e Delírio em Las Vegas (1971), de Hunter S. Thompson**. 2008. 71p. Monografia (Bacharelado em Jornalismo). Curso de Jornalismo, Centro Universitário de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://issuu.com/lucasbuzatti/docs/a_narrativa_contracultural_do_jorna>. Acesso em: 28 ago.2015.

GARCIA, Raphaela Ramos; ORSATTO, Franciele Luzia de Oliveira. On the road: na estrada entre literatura e jornalismo literário. **Revista Advérbio**, Cascavel, v. 8, n. 16, 2013. Disponível em: <<http://www.adverbio.fag.edu.br/ojs/index.php/RA/article/view/84/pdf>>. Acesso em: 24 mai.2015.

JULIÃO, André; MAGALHÃES Renan. **Caminho iluminado: trilhando a rota do jornalismo gonzo**. Campinas, SP: IDB, 2006. 158p.

LONDON, Jack. **O lobo do mar**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2013. 320p.

_____. **De vagões e vagabundos: memórias do submundo**. Porto Alegre: L&PM, 2005. 152p.

LOPES, Sávio Augusto. O jornalismo gonzo e a visão alternativa do sonho americano. 2013. **9º Encontro Nacional de História da Mídia**. Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-alternativa/o-jornalismo-gonzo-e-a-visao-alternativa-do-sonho-americano>>. Acesso em: 28 ago.2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental**. 3. ed. São Paulo: Abril S. A. Cultural, 1984. 425p. (Coleção Os Pensadores)

MARTELLI, Franco Prest. **Jornalismo gonzo**: uma análise acerca do jornalismo literário. 2006. 33p. Monografia (Bacharelao em Jornalismo). Curso de Comunicação Social, ênfase em Jornalismo, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2006.

MARTINS, Carla Alves Ribeiro. Woodstock: de improviso a marco cultural do século XX. **I Congresso Internacional de Estudos do Rock**. Cascavel, Paraná 2013. Disponível em: <http://www.congressodorock.com.br/evento/anais/2013/artigos/1/artigo_simposio_2_279_kahribeiro19@gmail.com.pdf>. Acesso em: 3 set.2015.

OTHITIS, Christine. **Common themes and their origins in thompson's writing**. 1994. Disponível em: <<http://www.gonzo.org/articles/lit/essone.html>>. Acesso em: 26 ago.2015.

_____. **The beginnings and concept of gonzo journalism**. 1994. Disponível em: <<http://www.gonzo.org/articles/lit/esstwo.html>>. Acesso em: 25 set.2015.

QUEIROZ, Danielle Teixeira et AL. **Observação participante na pesquisa qualitativa**: conceitos e aplicações na área da saúde. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 17 ago.2015.

RODRIGUES, Ligia Coeli Silva. Jornalismo gonzo como catálise do encontro entre literatura e jornalismo na década de 70. **XIII Congresso de ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Maceió – Alagoas, 2013. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0857-1.pdf>>. Acesso em: 17 ago.2015.

SOUZA, Marcelo Mendes de. **O corpo sem encantos do mundo**: a experiência escritural de Arthur Veríssimo. 2004. 100p. Dissertação (Mestrado em Literatura). Curso de Pós-Graduação em Letras/Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

STEADMAN, Ralph. **Fear & Loathing in Las Vegas**. 1971. 3 fotos. Colorido.

THOMPSON, Hunter S. **Medo e delírio em Las Vegas**: uma jornada selvagem ao coração do sonho americano. Porto Alegre: L&PM, 2010. 224p.

ANEXOS

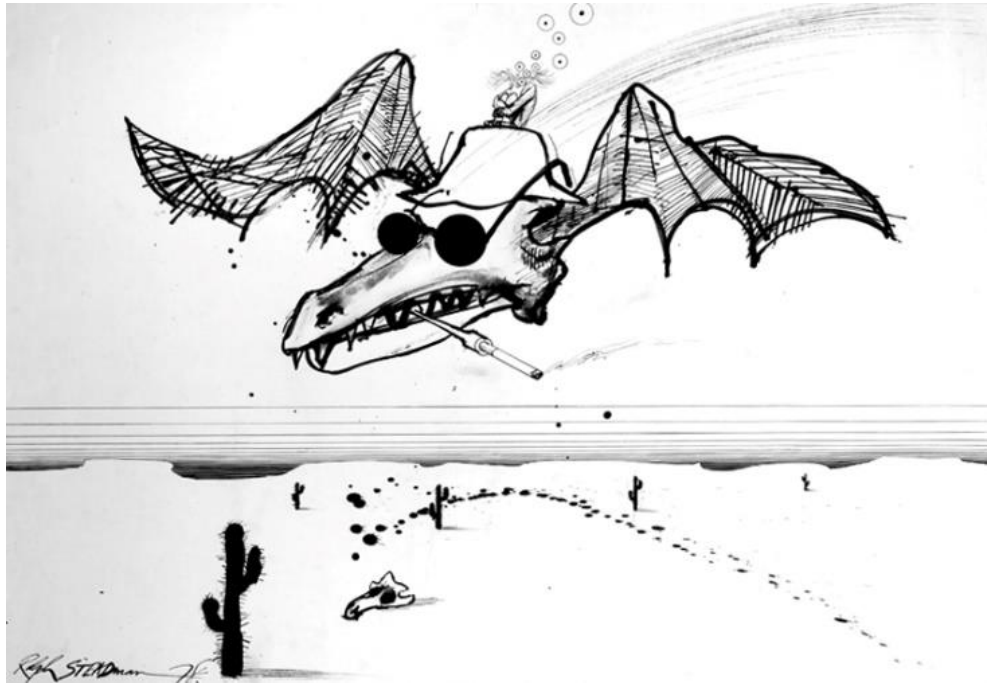


Figura 1 - Spirit of Gonzo¹

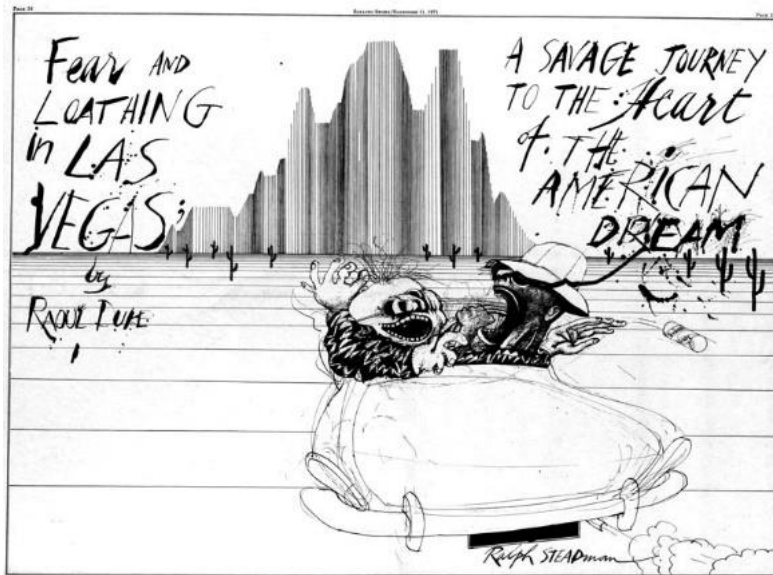


Figura 2 - Original Spread²

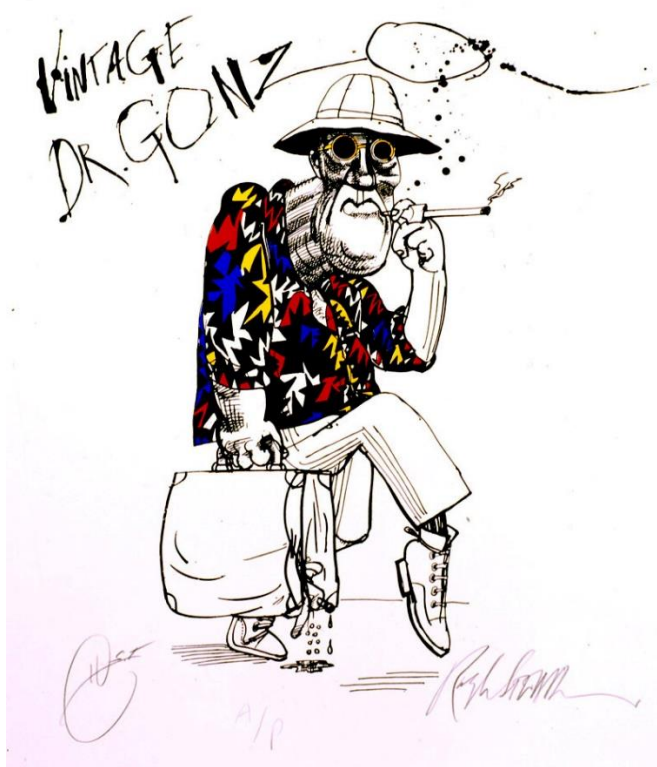


Figura 3 - Vintage Dr. GONZO³

1

¹ Nome da ilustração
² Nome da ilustração
³ Nome da ilustração